

Quem estudou Filosofia, detidamente, conhece o seu grande paradoxo: considerada essencial e imprescindível por alguns, e complexa, inútil ou fátua por outros. Com efeito, quanto a estas últimas características, já a partir da Antiguidade, o filósofo era reputado por certas pessoas como um homem alienado e alheio às práticas correntes da vida. E esta situação não parece ter mudado muito: hoje em dia, por exemplo, quem, com um problema familiar, procuraria algum deles para buscar uma solução?

Na realidade, essas objeções, comuns entre o vulgo, subestimam o verdadeiro filósofo, o qual, na realidade, pode e deve dar respostas coerentes às indagações de seu tempo. De fato, a verdadeira sabedoria não pode ser reduzida a seu fundamento, à *theoria*; deve ela sempre tender para o *savoir-faire*, sobretudo *saber fazer* o bem, conforme nos apontam os mesmos antigos filósofos.¹ Além disso, a *conditio sine qua non* para ser *sophos* (sábio) é tornar-se *philosophos*, um autêntico amante da sabedoria, em todas as suas dimensões, sob pena de se tornar, mais cedo ou mais tarde, um *sophistes* (sofista), isto é, um simulacro do saber.

Por outro lado, é necessário considerar que mesmo antes daquela famosa passagem do mito para o *logos* — entendida pelos estudiosos como o *incipit* da Filosofia, e tendo Tales de Mileto (séc. VII-VI a.C.) como marco histórico —, a humanidade já exercia, sob certo ângulo, a prática filosófica. Isto porque sua natureza foi e continua sendo essencialmente a mesma, e no âmago de seu ser sempre brotaram de modo inato aquelas instintivas questões existenciais para as quais naturalmente busca solução. Nesse sentido, no campo experimental recente, vários psicólogos têm constatado o quanto pequenas crianças, com apenas três anos, ao contrário das aparências, já “exercem algumas das mais sofisticadas e filosoficamente profundas capacidades da natureza

1) Cf. HADOT, Pierre. *Qu'est-ce que la philosophie antique?* Paris: Gallimard, 1995, p. 39: “[L]e vrai savoir est finalement un savoir-faire, et le vrai savoir-faire est un savoir faire le bien”.

humana”.² O especialista cognoscitivo Paul Bloom demonstrou empiricamente que os bebês possuem um universal senso moral capaz de distinguir entre as ações boas e más, mesmo antes do aprendizado de uma língua como veículo de um código moral.³ Concluía que a ética possui certamente fundamento ontológico nas questões primordiais de nossas decisões.

Sem embargo, se somos todos filósofos em sentido lato, por que a filosofia parece estar tão ausente de nosso cotidiano habitual? Na realidade, se nos detivermos um pouco mais, percebemos que a existência humana está pervadida por questões filosóficas, tanto no campo especulativo quanto no âmbito moral. Ora, se, conforme defendiam Platão e Aristóteles, a filosofia inicia-se com a admiração (em grego: θαυμάζειν — *thaumázein*),⁴ todo exercício do saber contém igualmente, em gérmen, este maravilhamento ante o mundo criado. Trata-se, portanto, de *ad-mirar*, ou seja, voltar-se para o *mirus*, o maravilhoso, ou ainda para os objetos de admiração, isto é, os *miracula*, de cuja raiz nasceu a palavra “milagre”, termo que, aliás, reflete convenientemente esta “*admiração plena*”⁵ para a qual deve tender nosso espírito. Contudo, nessa contemplação, cabe ao homem transcender, porque as respostas para as indagações mais essenciais de nossas vidas não se encontram nas realidades tangíveis. De qualquer modo, nesse exercício racional jamais poderá evitar de filosofar. Trata-se aqui, pois, da clássica contradição: até mesmo aqueles que procuram negar o *logos*, devem dele fazer uso.

Se percorremos a caleidoscópica história da filosofia podemos identificar diferentes vias de admiração e modos de transmissão do conhecimento através de variados gêneros literários. Aqueles que em sentido pleno foram filósofos também tiveram peculiares métodos e intuições para compreender a totalidade das coisas. Ousamos afirmar que os mais bem-sucedidos foram certamente os que tinham os *pensamentos em paz*, impoção para a qual deve tender o filósofo.⁶ Em outras palavras, foram aqueles que possuíram

2) Cf. GOPNIK, Alison. *The Philosophical Baby: What Children’s Minds Tell Us About Truth, Love, and the Meaning of Life*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2009, p. 53: “...exercising some of the most sophisticated and philosophically profound capacities of human nature”.

3) Cf. BLOOM, Paul. *Just Babies: The Origins of Good and Evil*. London: The Bodley Head, 2013.

4) Cf. PLATÃO, *Theaetetus*, 155d; ARISTÓTELES, *Metaphysica*, I, 2 (982b11-24).

5) Cf. THOMAS DE AQUINO, *S. Th.*, I, q. 105, a. 7, co.: “Miraculum autem dicitur quasi admiratione plenum”.

6) Cf. WITTGENSTEIN, Ludwig. *Culture and Value*. Ed. G. H. von Wright; Heikki Nyman. Chicago: University of Chicago Press, 1984, p. 43: “Friede in den Gedanken. Das ist das ersehnte Ziel dessen, der philosophiert”.

uma como que serena “castidade da inteligência”,⁷ por meio da qual a mente busca a pura verdade, age retamente de acordo com ela, transmite-a convenientemente e nela se satisfaz, segundo uma particular harmonia interior.

Nesse sentido, a Virgem Maria, conforme a Encíclica *Fides et Ratio*, é um paradigma:

Pode-se entrever uma profunda analogia entre a vocação da bem-aventurada Virgem Maria e a vocação da filosofia genuína. [...] Os santos monges da antiguidade cristã tinham compreendido bem esta verdade, quando designavam Maria como “a mesa intelectual da fé”. N’Ela, viam a imagem coerente da verdadeira filosofia, e estavam convencidos de que deviam *philosophari in Maria*.⁸

Através da Anunciação do Anjo (Lc 1, 26-38) podemos delinear, sinteticamente, esse mariano *amor à Sabedoria* (neste caso, o próprio Cristo) que deve caracterizar o filósofo, em três etapas fundamentais: a *atenção* e o *silêncio* ante a saudação angélica (*admirar e apreender a escutar*), a *fecundidade* (o *acolhimento* do *Verbum* em seu interior) e, por fim, a abertura ao *colóquio* (a *dialética* humilde) que a dispõe a se tornar “escrava”, a fim proceder segundo a palavra recebida em si mesma.

Não há dúvida que todos somos essencialmente filósofos, contudo poucos são os que escolhem o exemplar caminho do *filosofar em Maria*.

Basta começar a admirar.

7) Cf. CLÁ DIAS, João Scognamiglio. *O Juízo Final é também “eterno” e versará sobre minha vocação!* Homilia: 16/4/2008. (Arquivo IFAT).

8) *Fides et ratio*, n. 108.